



Cão Preto

UM FILME DE GUAN HU



Cão Preto

U M F I L M E D E G U A N H U

Black Dog / Gou Zhen

2024 | China | 1h56 | Drama | M/14

ESTREIA — 10 ABRIL 2025

LEOPARDO
FILMES



Depois de dez anos na prisão, Lang regressa à sua cidade natal no noroeste da China, agora quase abandonada e prestes a ser arrasada para dar lugar a um complexo de fábricas. No esforço de limpar a cidade antes dos Jogos Olímpicos de Pequim de 2008, Lang apenas consegue encontrar trabalho na caça aos cães vadios. Um cão preto e perigoso, com uma alta recompensa de captura, morde Lang. Os dois ficam isolados para evitar a propagação do vírus da raiva e desenvolve-se uma amizade entre eles. Através do retrato profundamente sincero da relação entre o homem e o animal, o filme conta uma história de redenção e renovação.



"Logo na sua espantosa primeira sequência, a história agarra-nos e nunca mais nos larga, levada pelo carisma do actor principal Eddie Peng, acompanhado por um cão preto igualmente memorável."

POSITIF



"*Cão Preto* apresenta-se como uma fábula existencial sobre isolamento, redenção e a possibilidade de estabelecer ligações contra todas as probabilidades. É também um *thriller* de crime e um deslumbrante exemplar de cinema de paisagem: a fotografia panorâmica de Gao Weizhe traz uma sensação de assombramento aos cantos das cidades, aos interiores degradados e às camadas de deserto, evocando grandiosidade épica de Sergio Leone."

FINANCIAL TIMES





"A localização deste filme excelente e deliberadamente subtil é essencial para a narrativa: uma cidade arruinada e praticamente abandonada nas raias ventosas do Deserto de Gobi (...) a deslumbrante fotografia panorâmica parece ter sido filmada em tons monocromáticos."

THE GUARDIAN



"O que é sensacional sobre o último filme de Hu é a forma como ele subverte esse temor [de enfrentar os fantasmas do passado] culminando numa nota comovente que soa totalmente merecida e convincente."

THE FILM STAGE



"Esta história de uma amizade difícil que se demora a construir, entre um homem e um cão, ambos feridos física e emocionalmente, impressiona e aconchega o coração."

LE PARISIEN



"O cenário torna-se o ponto mais forte de *Cão Preto*, que tem lugar na sombra dos Jogos Olímpicos [de 2008, em Pequim], enquanto as pessoas deslocadas pelo espectáculo vivem vidas de silencioso desespero. Hu utiliza a paisagem desolada para construir um mundo de letreiros de néon em ruínas, bancas de banha de cobra e circos de beira da estrada — uma paisagem deserta com fissuras mais que suficientes para o mal se instalar."

INDIEWIRE



"Cão Preto impressiona desde o seu primeiro plano, transformando a beleza do Deserto de Gobi num território cinematográfico sem paralelo."

CAHIERS DU CINÉMA



"O novo filme do cineasta chinês Guan Hu, de forma hábil e precisa, conta a história do laço entre um marginal e um cão no cenário natural magnífico do Deserto de Gobi."

LIBÉRATION

ENTREVISTA COM O REALIZADOR **GUAN HU**

Os seus filmes são conhecidos por terem uma acuidade muito realista e, ao mesmo tempo, uma forma de expressão abstracta. A que categoria pertence *Cão Preto*?

Eu diria que, acima de tudo, se trata de um filme de autor. Um filme nascido da minha observação pessoal e através do qual examino as mudanças ocorridas na China ao longo de cerca de vinte anos. Assim como as suas consequências, positivas ou negativas, no indivíduo. Vivendo na China, fui testemunha do desenvolvimento que se deu no país ao longo das últimas décadas. Sempre tive curiosidade em saber como era, durante esse período, a vida das pessoas que viviam fora das grandes cidades ou nas regiões mais remotas do país. Houve, inevitavelmente, pessoas deixadas para trás. O que também me interessava era tentar compreender o que mantinha vivas essas pessoas marginalizadas e o que as ajudava a sobreviver.



Este projecto teve consequências na sua *mise-en-scène*?

Este filme foca-se na vida de um grupo de habitantes de uma cidade que enfrentam enormes mudanças sociais. Durante o processo de realização, senti que captar e representar a vida dessas pessoas com a maior autenticidade possível transcendia o processo criativo. Optei por uma *mise-en-scène* depurada e pela simplificação.

A figura animal é recorrente na sua obra. Um cavalo branco em *The Eight Hundred* (2020), uma vaca em *Cow* (2009) ou até uma avestruz em *Mr. Six* (2015)... Desta vez, é um cão...

Se há animais nos meus filmes, é, antes de mais, porque acredito que existe em cada um de nós uma dimensão animal. Uma animalidade que se pode manifestar quando precisamos de demonstrar coragem ou desafiar a autoridade. Como uma espécie de natureza primitiva que muitas vezes escolhemos manter adormecida. O que me parece lamentável.

A personagem de Lang foi marginalizada pela sociedade, tal como o cão que encontra. Ambos foram abandonados... Podemos dizer que são o reflexo um do outro?

São duas almas solitárias, marginalizadas, que escolhem apoiar-se uma na outra. Existe uma antiga lenda chinesa que conta a história da divindade Erlang [divindade da mitologia chinesa que possui um terceiro olho na testa e está associada a heróis que protegeram a população de inundações durante as dinastias Qin, Sui e Jin]. Foi, aliás, em referência a essa lenda que dei ao meu herói o nome de

Lang. Erlang é frequentemente representado com um cão esguio e faminto ao seu lado, que alivia a sua solidão enquanto percorre os céus.

Há poucas personagens femininas no seu filme. Com a excepção de Raisin, interpretada por Tong Liya, que terá uma grande influência sobre Lang. Um papel secundário, é certo, mas primordial...

Os papéis femininos são muito importantes nos meus filmes, pois reflectem a resiliência e a maturidade que procuro na minha vida. Neste filme, a forma como Raisin encara a vida é extremamente adulta e ponderada. Ela exerce sobre Lang a influência de uma irmã mais velha. É muito determinada no que diz respeito ao seu futuro. Contudo, esse tipo de vida já traçada não é o que Lang precisa neste momento da sua vida.

Como decorreu a rodagem?

Há muitos animais no filme: cães, tigres, lobos, entre outros. Tivemos de garantir que estes pudessem trabalhar tranquilamente com o elenco. Isso exigiu muita paciência! Por exemplo, há uma cena em que eu queria que o tigre mostrasse a Lang onde o cão preto estava escondido. Claro, parecia impossível de concretizar. Mas, no momento em que começávamos a ficar sem ideias para realizar a cena, o tigre-da-Manchúria levantou-se sozinho e rosnou suavemente na direcção do local onde o cão estava escondido. O actor que interpretava Lang também olhou por cima do ombro naquela direcção e encontrou o cão. Um resultado além das minhas

expectativas. Obviamente, não podíamos comunicar com os animais através da linguagem, mas tive a sensação de que, no set, os animais começaram a entender-nos.

Por que escolheu Eddie Peng para interpretar Lang?

Por uma razão muito simples: ele possui aquela ingenuidade animal que eu procurava para o papel. E isso é algo que não se encontra todos os dias. Os actores do filme são profissionais bastante conhecidos pelo grande público. Mas, como o filme se passa no Deserto de Gobi e nas vastas extensões do oeste da China, queríamos que eles se integrassem no ambiente e parecessem habitantes locais. Isso foi mais difícil para Eddie, porque ele tem formação como ginasta, é alto, bonito e possui um sentido de moda muito apurado. Uma imagem bastante diferente da do seu personagem. Para aproximar o actor do papel, tivemos de trabalhar e modificar o seu físico, o tom de pele e até os traços do rosto, eliminando aquele lado urbano que ele naturalmente transmite.

Há no seu filme uma cena muito marcante em que todos os habitantes se reúnem numa colina para assistir a um eclipse solar. Qual é o significado dessa cena?

Um eclipse solar ocorreu, de facto, no noroeste da China em 2008. E esse evento foi considerado na altura como um presságio auspicioso na véspera dos Jogos Olímpicos. Queria que, no meu filme, naquele instante preciso, o Sol e a Lua brilhassem juntos. Que o Céu e a Terra se tornassem um só. Como uma forma de exteriorizar as mudanças que estão a acontecer em Lang.





Como ele as encara e como essas mudanças lhe permitem reerguer-se. Ao mesmo tempo, os animais escapam do jardim zoológico e vagueiam por uma cidade abandonada. O eclipse criou para eles uma espécie de liberdade temporária, livre de qualquer interferência humana. Vejo isso como a concretização do sonho de Lang.

Como se tornou cineasta?

Os meus pais eram ambos actores. Cresci num set de filmagens. O local onde os meus pais trabalhavam exibia regularmente filmes, mas, como os bilhetes eram difíceis de conseguir, nós, as crianças, forjávamos os nossos próprios bilhetes falsos para ir ao cinema e ver todos os filmes que a nossa geração ainda não tinha tido oportunidade de ver... Essa experiência é, provavelmente, o que mais me influenciou e motivou. Ainda hoje, é o oxigénio que alimenta a minha criatividade.

Em *Pela Estrada Fora*, Jack Kerouac escreve que as pessoas desejam "fazer-se à estrada" porque são jovens. O que motiva Lang, por sua vez, a "fazer-se à estrada"?

Jack Kerouac também escreveu: "Devemos ir e nunca parar de ir, até que lá cheguemos". A vida rotineira e monótona sufoca Lang e leva-o a recuperar a sua própria dignidade enquanto ser humano. Ele precisa de se reerguer e embarcar numa nova jornada antes que a sua existência o asfixie.

ENTREVISTA COM **GUAN HU:** 'A VIDA É MUITO MUTÁVEL'

– *easternKicks* (Blake Simons)

Falámos com o realizador de *Cão Preto* sobre realismo, paisagens e o processo de cura...

Cães: os melhores amigos do homem. E cada vez mais, os melhores amigos dos fãs de cinema de autor. Criado em 2001, o prémio *Palm Dog* em Cannes tem prestado homenagem aos mais notáveis companheiros caninos de cada ano. Nos últimos anos, tem havido escolhas muito boas; *Messi* de *Anatomia de Uma Queda* (2023) foi um particular favorito das redes sociais. Este ano, Xin, do drama reflexivo chinês de Guan Hu, *Cão Preto*, venceu o Grande Prémio do Júri *Palm Dog*. (...) Mas aqueles que esperam uma aventura canina devem repensar as suas expectativas. Esta é uma história fundamentalmente humana, um conto da jornada de um homem rumo à redenção, companhia e cura.

Guan Hu é um realizador versátil, responsável por alguns dos principais *blockbusters* [chineses] dos últimos anos. Com *Cão Preto*, o realizador opta por uma abordagem mais lenta, mais focada nas personagens, com algumas sequências impressionantes (e Jia Zhang-Ke) que enriquecem o filme.



O que é que os cães possuem que o inspirou a usá-los como catalisador neste drama interpessoal? É possível sentir o seu amor por estas criaturas enquanto se vê o filme.

Eu próprio tenho cães, e estou com eles sempre que tenho tempo livre. Passar tempo com eles inspirou-me a fazer este tipo de filme. Não há qualquer conflito entre mim e os cães. [Liang Jing, esposa de Guan e produtora, mostra-me entusiasticamente fotos dos seus cães num iPhone].

O que o levou a escolher Jia Zhang-Ke para o papel de líder dos apanhadores de cães e como foi trabalhar com ele neste contexto? Ele já apareceu em filmes antes, mas este é um papel muito mais complexo.

O Jia Zhang-Ke e eu somos amigos próximos. Ele também é um dos membros da China Film Association. Ele é um actor com experiência e vem do noroeste da China. Pareceu-me que ele nem teve de actuar neste filme. A sua disposição natural é exactamente aquilo que procurávamos.

Antes de fazer este filme, o Guan realizou épicos *blockbuster*, como *The Sacrifice (2020)* e *The Eight Hundred (2020)*. *Cão Preto* é um filme mais contido e pessoal. O que provocou esta mudança?

Como mencionou, já realizei alguns *blockbusters*. Mas, antes disso, fui um cineasta que adorava fazer filmes pessoais e narrativos. Portanto, simplesmente regresssei ao ponto onde comecei, porque às vezes pode ser muito aborrecido repetir o mesmo.

Pensando nos seus filmes anteriores então, a sua estética é, em igual medida, surreal e realista. Há elementos de género, mas com toques de realismo mágico. Como caracterizaria os seus filmes?

Sou da opinião que a base de todos os bons filmes é uma boa metáfora. Neste filme, existe aquilo a que chamamos realismo mágico ou surrealismo. É assim que eu olho para essa questão.

Fantástico. Também quero perguntar se o neo-realismo foi uma influência. Ao ver *Cão Preto*, lembrei-me especialmente do filme de Vittorio De Sica, *Umberto D. (1952)*.

Já vi tantos filmes, especialmente os *westerns* americanos. Não tenho a certeza sobre que filmes influenciaram *Cão Preto*.

O Guan enquadra tanto interiores como exteriores com planos gerais em ângulos fixos. Há uma sensação real de captação da totalidade do espaço e de todos os que nele estão. Pode explicar o pensamento por detrás desta escolha de colocar a comunidade e uma sensação de lugar em primeiro plano ao enquadrar dessa forma?

Não acho que tenha sido eu a escolher o espaço, penso que foi o Deserto de Gobi que me escolheu. Se for ao noroeste da China, vai ficar muito chocado, porque se trata de uma comunidade que outrora foi próspera, mas cujas instalações foram abandonadas pelas pessoas. É por essa razão que eu quero muito fazer filmes nessa região, porque se não filmar lá, é uma grande pena.

O que espera que os espectadores retirem deste filme? Há algum sentimento ou algo que queira inspirar nos seus espectadores quando acabarem de ver *Cão Preto*?

Quero que as pessoas sintam que se podem fazer à estrada de novo. A vida é muito mutável, e muita coisa acontece todos os dias.



REALIZADOR GUAN HU:
'2008 FOI O ANO DO MAIOR ORGULHO
DA CHINA, MAS TAMBÉM
DO SEU MAIOR SOFRIMENTO'

– *Financial Times* (Cici Peng)

Um ex-recluso estabelece uma relação com um cão agressivo no estranho e surreal *noir* *Cão Preto*, muito elogiado em Cannes.

Guan Hu não é um homem de muitas palavras. *Cão Preto*, que realizou e venceu o prêmio *Un Certain Regard* em Cannes este ano [2024], é igual. O centro emocional do filme manifesta-se nas interações silenciosas entre um homem e o seu cão e a força destruidora da paisagem do Deserto de Gobi, onde os caninos dominam. "O filme é construído a partir do silêncio," diz Guan, "da possibilidade de um canal misterioso de comunicação não-linguística entre humanos e cães."

Entre as dunas ondulantes de areia de carvão, o tempo parece ter parado. Planos gerais capturam humanos e animais a deslocarem-se pelo deserto, quais insectos. Deambulam sem rumo por uma cidade-fantasma que parece uma ruína de um outro tempo. Cães aparecem em todo o lado, desde o topo das dunas às ruas vazias da cidade às fissuras de edifícios abandonados. Ao colocar humanos e animais na mesma escala, *Cão Preto* examina a "animalidade dentro dos humanos", diz Guan.



"Desde o princípio, decidimos seguir um princípio de 'não-interferência', um modo observacional. Não queríamos interferir com a vida como ela é. A nossa perspectiva é que o fado humano é pequeno e insignificante perante a imensidão da natureza e do Deserto de Gobi."

Guan vem da "Sexta Geração" de cineastas chineses, ao lado de Jia Zhang-Ke e Wang Xiaoshuai, favoritos dos festivais internacionais. Tendo surgido no início da década de 90, o grupo é caracterizado pelo seu estilo realista distinto e o seu foco nas pessoas nas margens da sociedade chinesa em rápida mutação.

Ao contrário dos seus contemporâneos, Guan é mais difícil de definir: antes de realizar este filme de autor, fez sobretudo cinema comercial que examinava a história militar da China com um tom mais patriótico, incluindo o bem-sucedido drama de guerra *The Eight Hundred* (2020), o filme com maior receita de bilheteira no país nesse ano. Contudo, no início da sua carreira, fez mais filmes independentes, como a sua primeira longa-metragem *Dirt* (1994), sobre o mundo do rock em Pequim. "Agora, com *Cão Preto*, espero voltar a ouvir o meu 'eu interior', voltar àquele espírito que definiu o início da minha carreira", diz o realizador. "Portanto, este filme é muito íntimo nesse sentido."

Ao crescer com uma mãe actriz de teatro e com um pai actor de cinema, Guan observava tudo; foi um filho dos estúdios de Pequim – "Tudo desde cinema de autor europeu aos sucessos nacionais... Sou particularmente influenciado por Stanley Kubrick e Alan Parker. São completamente originais e não pertencem a qualquer género."

De forma semelhante, *Cão Preto* escapa à categorização fácil. Estruturado como um híbrido entre *noir* e *western*, o filme mostra o solitário taciturno Lang (Eddie Peng) no seu regresso a casa para confrontar os fantasmas do seu passado. É 2008; Lang cumpriu pena por homicídio involuntário. Lang não é recebido com carinho – é procurado por "Butcher" Hu (Hu Xiaoguang), cujo sobrinho terá morto, e o seu pai vive no jardim zoológico degradado.

Em vez de enfrentar uma multidão armada segundo o clássico estilo *noir*, o inimigo de Lang é um vendedor de veneno de cobra; em vez de uma clássica *femme fatale*, a relação-chave de Lang é com um galgo agressivo, Xiao Xin. "Queríamos escolher um cão estranho – um que não fosse fácil de domar", diz Guan.

De igual modo, ao escolher Peng para o papel, "ele não parecia as personagens suaves e belas que tinha interpretado antes, e, por isso, eu estava interessado em mostrar aquela dureza 'lobal' dentro dele. A personagem de Lang é sobretudo silenciosa, o que é crucial. Quando saem da prisão, muitos ex-reclusos não gostam de falar – é como uma rejeição da sociedade a que regressam."

No entanto, isto não é um filme sobre a amizade entre homem e cão: *Cão Preto* recusa-se a adular a domesticação do animal. "Quando Lang encontra o cão, não é um animal de estimação, é uma personagem", diz Guan. "Estas pessoas e estes cães estão na margem, solitários, desolados e incapazes de acompanhar a evolução dos tempos. E estas pessoas? Penso que os filmes têm a responsabilidade de se focar nelas."

De forma a estabelecer a relação entre Peng e Xiao Xin, os dois passaram dois meses no set a ensaiar cada cena. "Xiao Xin e Eddie eram inseparáveis, até dormiam juntos", diz Guan. "Eventualmente, o Eddie adoptou o Xin."

O filme de Guan, filmado na cidade de Yumen, estrutura-se à volta de uma sensação de ausência – uma sinfonia "anti-urbana", de certa forma. Planos são frequentemente enquadrados dentro de edifícios destruídos ou no exterior das jaulas vazias do jardim zoológico local, que, diz Guan, "encontrámos assim, de facto. Muitos edifícios foram completamente abandonados. Estas cidades no noroeste já foram muito prósperas, mas começaram a decair quando os seus recursos foram gastos. É possível ver estas instalações bem construídas como hospitais e restaurantes – mas não há pessoas no seu interior. Os edifícios contam uma história da sociedade chinesa contemporânea."

A câmara passa frequentemente por um mural dedicado aos próximos Jogos Olímpicos, já a desvanecer-se. "Quis situar o filme em 2008 porque é um dos anos mais importantes para a China. É o ano do nosso maior orgulho, mas também do maior sofrimento. Há pessoas cujas vidas foram esquecidas que nunca veremos."

Apesar do tema, o filme evita um realismo austero; o realizador opta, em vez disso, por aquilo que descreve como um "naturalismo surreal". "Para fazer este filme, precisávamos de um sistema metafórico", diz o realizador. "Debaixo desta história, tem de haver elementos de fantasia e transcendência."

Tal como os cães, o filme é povoado por dezenas de cobras, um tigre no jardim zoológico e um lobo avistado no horizonte, o que "joga com o mútuo isolamento e alienação do mundo."

Enquanto falamos, Liang Jing, a esposa de Guan e produtora, aparece na chamada: "Há sempre animais nos filmes de Guan Hu. Houve uma vaca, um peixe-balão e um cavalo. Cães são relativamente mais fáceis de dirigir."

O realizador não tem dificuldades com a falta de controlo quando filma animais? Guan encolhe os ombros. "Se não conseguimos o plano, continuamos a tentar. O primeiro encontro entre Lang e Xiao Xin tinha de acontecer num plano-sequência. Filmámos este plano durante 20 dias. Ainda assim, foi uma rodagem particularmente prazerosa. Parecia que os deuses nos estavam a ajudar. Houve até uma tempestade de areia que virou um carro. Mas continuámos a filmar."

Apesar da fragilidade do homem e do cão ao longo do filme, é uma demonstração da habilidade de Guan que mesmo esta pequenez pode conter um poder imenso. No plano final, a câmara demora-se num *close-up* do rosto de Peng; a sua presença "é sobre esta duplicidade – tanto da sua insignificância no deserto", diz Guan, "mas também sobre como ele é o nosso universo fílmico total".

'ELE NÃO É SÓ UM ANIMAL DE ESTIMAÇÃO. ELE É UMA PERSONAGEM': GUAN HU, REALIZADOR DE *CÃO PRETO* SOBRE FILMAR UM LAÇO INDESCRITÍVEL

— *The Guardian* (Amy Hawkins)

O ano é 2008 e a China está-se a abrir ao mundo. Anúncios sobre os Jogos Olímpicos de Verão em Pequim são ouvidos em altifalantes por todo o país, evocando o orgulho nacional sobre um evento que demonstra a confiança da China no século XXI. Mas, num canto longínquo do noroeste da China, nas margens do Deserto de Gobi, o brilho da capital desvaneceu-se numa poeira translúcida que cobre tudo numa cidade industrial em declínio com uma névoa cinzenta e sombria.

É aqui que a personagem humana central de *Cão Preto*, Lang, acabado de sair da prisão, se encontra, enquanto regressa à sua árida cidade natal para se reconciliar com o seu pai adoecido e os seus antigos vizinhos, que olham para ele com suspeição.

"Para qualquer pessoa que compreenda a China, olhando para as últimas duas ou três décadas, 2008 foi um ponto de viragem", diz Guan Hu, o realizador do novo filme chinês de sucesso, *Cão Preto*, que narra a tentativa de Lang de começar de novo ao mesmo tempo que a China se tenta reinventar. Guan refere-se ao "orgulho incomparável" dos Jogos Olímpicos, mas também à "imensa tristeza" do terramoto de Wenchuan, que ocorreu em Maio desse ano, provocando a morte de quase 70 mil pessoas. Para Guan, existe poder no acto de escrever sobre pessoas comuns num "ano tão icónico".

O título do filme vem de Xin, um *whippet* preto vadio com o qual Lang, interpretado por um impressionantemente robusto Eddie Peng, estabelece uma amizade depois de ser designado para uma patrulha canina local, encarregue de apanhar cães vadios na preparação para os Jogos de Pequim. A amizade entre o quase mudo Lang e o indisciplinado mas leal cão desenvolve-se enquanto Lang tem dificuldades em encontrar o seu lugar numa cidade que parece estar cada vez mais abandonada. Muitas cenas incluem edifícios de betão empoeirados marcados com o carácter 拆, ou *chai*, uma marca usada pelas autoridades na China para sinalizar edifícios destinados a ser demolidos.

Guan diz que sempre quis fazer um filme sobre humanos e cães, não só pelo amor que tem aos seus pastores-alemães de estimação. "A vida humana individual parece incrivelmente pequena e insignificante face à natureza. Mas, quando nos focamos na vida humana individual em si mesma, a vida de uma pessoa comum é imensamente significativa. É, portanto, uma história de dois extremos. Queríamos explorar a natureza animal dos humanos", o realizador diz.

Cão Preto, uma sombria e expansiva mistura de *western* e *noir* com um toque de comentário social, distingue-se dos filmes anteriores do realizador de 56 anos. Os seus dois blockbusters mais recentes, *The Eight Hundred* (2020) e *The Sacrifice* (2020), foram retratos bélicos do poder militar chinês em vez de meditações sobre as cidades esquecidas da China. Mas, depois de arrecadarem mais de 484 milhões de dólares e 173 milhões de dólares na bilheteira mundial, respectivamente, os dois filmes colocaram Guan, já uma figura importante da chamada "sexta geração" de cineastas

chineses que começaram as suas carreiras nos anos 90, numa boa posição para fazer um filme mais crítico. *Cão Preto* foi o primeiro filme produzido pela produtora Seventh Art Pictures, que Guan co-fundou com a sua esposa, Liang Jing. Para um filme ser estreado domesticamente na China, deve primeiro obter um "selo de dragão" da agência pública China Film Administration, um processo moroso e pouco transparente que envolve revisões de conteúdo estritas. A censura chinesa ao cinema tem apertado nos últimos anos, com as autoridades a impedir exposições não autorizadas. Mas Liang diz que o processo de obter um selo de dragão para *Cão Preto* foi suave. "Sentimo-nos muito sortudos", diz a produtora.

Não satisfaz simplesmente os censores. *Cão Preto* também recebeu críticas muito positivas, vencendo o maior prémio da secção *Un Certain Regard* do Festival de Cannes deste ano [2024]. Como muitos actores já descobriram, o cão é tão convincente quanto o protagonista humano. A fascinante cena inicial mostra centenas de cães vadios a galopar por um terreno árido e pedregoso, filmado como um panorama assombroso e desbotado por Gao Weizhe, o director de fotografia que já havia trabalhado com Guan em *The Sacrifice*. Mas é Xin, o *whippet* vadio, que se destaca como o novo melhor amigo de Lang.



"O maior desafio foi paciência", diz Guan, sobre a experiência de trabalhar com um elenco canino. "Mesmo que ensaiássemos por muito tempo, e que as coisas estivessem a correr bem, assim que chegávamos ao set os animais podiam ficar cansados ou irritados, e podiam não actuar tão bem como tínhamos imaginados, ou pior do que no treino... Tudo o resto, como o clima, era gerível."

Fiel à ideia de um filme cru e áspero sobre os desafios da vida real, Guan evitou largamente usar efeitos especiais. Numa cena, Xin salta por uma janela de vidro sólido para intervir num dos muitos confrontos físicos em que Lang se encontra enquanto tem dificuldades em encontrar o seu lugar na sua antiga cidade (embora o vidro tenha sido adicionado na pós-produção).

Para Guan, o filme é tanto sobre comunicação como companheirismo. *Cão Preto* é a sua tentativa de representar a comunicação "indescritível" entre homem e cão "que não precisa de palavras". E, em *Cão Preto*, diz Guan, "o cão não é só um animal de estimação. Ele age como uma personagem – uma extensão da própria alma solitária de Lang.



★★★★★
FINANCIAL TIMES

★★★★★
POSITIF

★★★★★
THE GUARDIAN

★★★★★
INDIEWIRE

★★★★★
THE FILM STAGE

★★★★★
TÉLÉRAMA

★★★★★
CAHIERS DU CINÉMA

★★★★★
LE MONDE

★★★★★
LE PARISIEN

★★★★★
LES INROCK

★★★★★
LIBÉRATION

★★★★★
TIME OUT

ELENCO

**Eddie Peng, Chu Bu Hua Jie,
Youwei Da, Jia Zhang-Ke**

ARGUMENTO

Guan Hu, Rui Ge

FOTOGRAFIA

Weizhe Gao

PRODUÇÃO

**Wenjiu Zhu, Jing Liang,
Justine O, Zhonglei Wang**

DISTRIBUIÇÃO

Leopardo Filmes



CONTACTOS

Distribuição Leopardo Filmes

Manuela Mina
manuelam@leopardofilmes.com
+ 351 213 255 822

Imprensa Leopardo Filmes

Nuno Gaio Silva
press@leopardofilmes.com
+ 351 213 255 810

Leopardo Filmes

Travessa das Pedras Negras 1
5º andar
1100-404
Lisboa Portugal

